

DESCARTES, HISTORICIDADE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA VISÃO DA AGRONOMIA

DESCARTES, HISTORICITY AND ENVIRONMENTAL EDUCATION FROM THE VIEW OF AGRONOMY

Alécio de Souza Oliveira Santana¹

Bruna Bellanisa da Silva Rodrigues²

David de Souza Araújo³

Maria Eduarda da Silva Souza⁴

RESUMO:

A princípio, o estudo filosofia e da Educação Ambiental é de suma importância, uma vez que nos remete a entender a relação entre o ser humano e a natureza, bem como as suas concepções, para que assim possamos melhor discutir sobre esta temática, como também ter um melhor entendimento e a partir disso realizarmos reflexões. Portanto, leva-se em consideração que a relação entre o ser humano e a natureza passou por diversas mudanças de acordo com o desenvolvimento da sociedade e suas descobertas, já que passaram a enxergar o meio natural não apenas como um meio de sobrevivência, mas também como recursos exploratórios, ou seja, notaram que poderiam utilizar dos recursos naturais não apenas para sobreviverem, isto é, que poderiam explorá-los de forma totalmente utilitarista, já que a natureza foi categorizada como uma base utilitária para satisfazer as vontades humanas. Para tanto, a partir disso podemos associar a relação entre ser humano e natureza ao pensamento do filósofo René Descartes (1596-1650), de modo que este citava que deveríamos conhecer as forças e ações dos recursos naturais ao nosso redor, para que assim nos tornemos senhores e possuidores da natureza. Além disso, quando é abordado sobre este tema torna-se necessário entendermos que isto também ter haver com um antropocentrismo extremista. Contudo, é oportuno mencionar que quando é abordado sobre a relação homem-natureza, é importante ter ciência que isto também relaciona-se diretamente com o desenvolvimento sustentável e as responsabilidades do ser humano, já que para o ser humano existir é necessário que exista a relação homem e natureza.

Palavras-chave: Homem. Natureza. Educação Ambiental.

ABSTRACT:

In principle, the study of philosophy and Environmental Education is of paramount importance, as it leads us to understand the relationship between human beings and nature, as well as their conceptions, so that we can better discuss this topic, as well as have a better understanding and from this we can carry out reflections. Therefore, it is taken into account that the relationship between human beings and nature has undergone several changes according to the development of society and its discoveries, as they began to see the natural environment not only as a means of survival, but also as exploratory resources, that is, they noted that they could use natural resources not just to survive, that is, they could exploit them in a totally utilitarian way, since nature was categorized as a utilitarian basis to satisfy human desires. Therefore, from this we can associate the relationship between human beings and nature with the thought of the philosopher René Descartes (1596-1650), so that he said that we should know the forces and actions of the natural resources around us, so that we can let us become masters and possessors of nature. Furthermore, when this topic is discussed, it becomes necessary to understand that this also has to do with extremist anthropocentrism. However, it is worth mentioning that when discussing the relationship between man and nature, it is important to be aware that this is also directly related to sustainable development and the responsibilities of the human being, since for the human being to exist it is necessary for there to be relationship between man and nature.

Keywords: Man. Nature. Environmental education.

1 INTRODUÇÃO

O artigo presente foi escrito a partir da leitura, reflexão e discussão do texto "Descartes, Historicidade e Educação Ambiental", além de outras referências bibliográficas. Ao qual, na obra estudada o autor retrata sua visão sobre as relações dos seres humanos com a natureza.

Diante disso, vale ressaltar que o filósofo francês René Descartes foi considerado um dos pensadores que demarcou as bases do pensamento moderno, de modo que a sua obra "Discurso do Método" (1637) abriu as portas da modernidade. Para tanto, a obra citada teve um impacto marcante no Ocidente, a ponto de Michel Serres afirmar em sua obra "Hermes I-Communication" (2023) que Descartes foi o "filósofo subjacente à Revolução Industrial". Além disso, as suas ideias tiveram grande influência na relação

homem-natureza, uma vez que Descartes foi o primeiro filósofo que propôs uma física matemática, já que com Descartes a física passou de especulativa para uma forma de intervenção na natureza.

Isso é possível, no limite, para seu Descartes, para o qual é relativamente fácil dar alguns modelos mecânicos, algo que é normal para próprio cartesianismo. (Propomos alguns mais adiante neste livro e raciocinamos diretamente sobre esses modelos.) Para aqueles que acharia escandaloso fazer tal redução, apontamos que máquinas que funcionam como o sistema de Darwin já foram propostas. A ideia não é nova e só parece ignominiosa para aqueles que desprezam as máquinas por não sabendo o que são, podem ser e devem ser. Quão instrutivo e interessante é ver filósofos dar atenção a tecnologia apenas se não for posterior ao pré-histórico! (SERRES, 2023, p. 17-18).

Além do mais, é oportuno mencionar que Descartes retrata sobre a arte da dúvida, bem como da certeza da dúvida, ou seja, "dúvida é pensar e pensar requer um pensador", assim como também é retratado sobre a capacidade de pensar ser real, e a partir disso Descartes chega a uma conclusão que é o "Penso, logo existo", que essas ideias para Descartes poderia ser deduzida como a verdade. Ademais, visto que Descartes teve influência na relação homem-natureza, ainda se deve abordar que o pensamento desse filósofo juntamente com o de Francis Bacon, tiveram uma visão racionalista e mecânica do mundo, bem como da compreensão da natureza. Contudo, não foram Bacon e Descartes que ousaram tornar-se donos e senhores da natureza, no entanto eles queriam que a humanidade se visse dessa forma, sendo que proclamaram que obtêm de Deus este domínio e essa posse. Assim, tendo recebido de Deus a missão que permitisse utilizar a natureza, o ser humano começou a comportar-se como um engenheiro que já não necessitaria direcionar qualquer valor à natureza. Nesse sentido, confere-se uma relação do ser humano com a natureza, que converteu-se em uma relação de domínio e de proveito para a vida humana.

Para tanto, quando fala-se do texto "Descartes, Historicidade e Educação Ambiental" presente no livro "Pensar o ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental", escrito por Mauro Grün, é necessário ressaltar que também é retratado sobre a objetividade e o silenciamento da natureza, ao qual Bordo (1987) observou que para Descartes os resultados são um novo modelo de conhecimento, fundado na objetividade. No entanto, vários críticos atacaram a obra de Descartes. Portanto, tendo em vista as informações

mencionadas, e levando-se em consideração que Descartes passou a enxergar a natureza como uma máquina, principalmente, produtiva, e capaz de salientar as vontades humanas, isto está associado a um antropocentrismo extremista, ao qual o homem quer utilizar os recursos naturais de forma exploratória, sem antes refletir sobre os problemas que essa atitude pode ocasionar, de modo que pode gerar problemas de caráter social e também ambiental, de maneira que pode apresentar seus efeitos de forma rápida ou em grande escala de tempo.

Desse modo, a prática do homem frente à natureza passou por diversas mudanças durante o desenvolvimento da estrutura da sociedade, de forma que passou por considerações místicas até configurações materialistas. Dessa forma, no processo de utilização dos recursos naturais, a natureza foi categorizada como uma base utilitária para satisfazer as vontades humanas quanto à sua exploração. Assim, considerando a relação homem-natureza é notório que a partir do momento que o homem passou a enxergar a natureza como uma máquina produtiva, o mesmo não refletiu sobre suas atitudes, pois para existência do homem é necessário a existência da natureza, para que exista um equilíbrio entre si, no entanto o ser humano não pensa dessa maneira, assim resultando em impactos ambientais, daí dar-se a importância da educação ambiental e da agronomia na relação homem e natureza, uma vez que o engenheiro agrônomo também tem como responsabilidade conscientizar o ser humano sobre suas ações, isto é, não é apenas enxergar a natureza como uma categoria para satisfazer suas vontades, mas lembrar que para sua existência o meio natural é de suma importância.

Por essa razão, dá-se o papel do agrônomo em contribuir na educação ambiental, ou seja, tendo em vista que uma das maiores atividades que explora a natureza é o agronegócio, o agrônomo deve garantir que ocorra o equilíbrio entre meio ambiente e o agronegócio, já que uma das obrigações de um profissional das ciências agrárias é ajudar a conservar todos os recursos naturais que são usados nas atividades agrícolas, bem como é de fundamental importância que mostre a necessidade da implantação de técnicas que possa permitir o desenvolvimento sustentável da agricultura.

2 DESCARTES, HISTORICIDADE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

2.1 Física-matemática de Descartes

De acordo com Grun (2009), Descartes no século XVII propôs uma física matemática que deixa de ser especulativa e passa a intervir diretamente na natureza, assim com grandes consequências para a relação do homem com o meio ambiente. Além disso, é interessante a maneira em que Descartes “descarta” os costumes e a cultura como meios para determinar a veracidade de fatos, já que ele considera que nas culturas há “tanta divergência e discórdia quanto entre os próprios filósofos” (GRUN, 2009, p.66). E, foi desta forma que ele atacou a confiança que a filosofia escolástica tinha nos sentidos, uma vez que Descartes acha que isto constituía uma falha conceitual séria, já que a crença nos sentidos poderia conduzir tanto a erros quanto a interpretações equivocadas.

Então, com suas reflexões quanto a existência em que é bastante o pensamento para se saber que existe, Descartes chegou a conclusão que o lugar, assim como também o corpo não são necessários para a existência. E, a partir disso, podemos deduzir os efeitos devastadores que esse pensamento teve sobre o meio ambiente.

Nesse sentido, Grun (2009) mostrou como Descartes teve influência nos debates na Filosofia Ambiental contemporânea, na Ética Ambiental, na Educação Ambiental, na distinção entre objeto e sujeito, corpo e alma, natureza e cultura. “O corpo então é descartado junto com a natureza, os sentidos e o bom senso”.

Portanto, o pensamento científico de Descartes voltado ao antropocentrismo, abriu caminho tanto para o desenvolvimento da técnica quanto da exploração do meio ambiente sem os mitos e sem os medos do passado escolástico, e assim influenciando com que cada vez mais tivesse um afastamento da relação homem-natureza, subjugando-a a um mero objeto de domínio, bem como de satisfação das nossas necessidades, como se nós mesmos

não pertencessem a ela, e assim a episteme da questão ambiental tomou então um elevado grau dessa nova ordem de dominação.

2.2 Um lugar para o sujeito: O pertencimento como questão na filosofia ambiental

A priori, vários séculos após o surgimento do pensamento cartesiano, a filosofia continuou a sua luta para situar o sujeito, ancorá-lo a um sentido unificado de lugar. Para tanto, tendo em vista a isso, tal concepção filosófica, é precisamente a tarefa de parte dos discursos ecológicos, ao qual eles exigem por parte do sujeito, que o mesmo seja localizado em algum lugar e que sua localização, então, possa “produzir significados”. Dessa forma, pode-se concluir que o propósito dos discursos ecológicos é conferir ao sujeito um senso de localização histórica. Contudo, da mesma forma que existe a "localização", também existe a "não-localização", de modo que isto constitui a característica crucial da subjetividade cartesiana. No entanto, a falta de um local ao qual se identifique foi de igual importância para a informação do sujeito liberal, já que também o sujeito foi visto como liberto de quaisquer raízes, e que pode existir independentemente de tudo que estava fora dele, inclusive até mesmo dos ecossistemas de seus ambientes.

Diante disso, acerca de si mesmo, Descartes chegou a concluir que não há necessidade de um “lugar” para se pertencer, pois compreender que uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar e que, para ser, não necessita de nenhum lugar, nem depende de qualquer coisa material” (Ibid., p. 56, ênfase acrescentada). Portanto, para Descartes a falta de lugar não é um problema, pelo contrário, a condição de não-localização torna-se importante para a capacidade do sujeito de ser guiado pela luz da razão.

Então, em um dos momentos mais famosos do surgimento do pensamento filosófico moderno, Descartes demonstrou a distinção no coração dos debates na Filosofia Ambiental contemporânea, na Ética Ambiental e na Educação Ambiental - a distinção entre objeto e sujeito, corpo e alma, natureza e cultura. De forma que, retrata que corpo pode ser descartado junto com a

natureza, os sentidos e o bom senso, e é abandonado, ainda, como parte da tradição. Dessa forma, conseqüentemente, esse “eu” - é a alma através da qual eu sou o que sou - que é inteiramente distinto do corpo e de fato é mais fácil de conhecê-lo que o corpo e não deixaria de ser o que quer que seja, mesmo que o corpo não exista mais. Nesta proposta, a transformação da Natureza num mero “espaço” constitui um dos problemas centrais que enfrentam as teorias educacionais contemporâneas, uma vez que “lugar” também perdeu sua significação e valor.

Ademais, Descartes prestou atenção às ciências naturais, de modo que, num trecho que é caracterizado pelo antropocentrismo e depois de testar algumas de suas noções sobre física, ele conclui que tinha obrigação de provar aos outros o que a sua ciência tinha para oferecer à espécie humana. Tanto que, Descartes aborda que é possível chegar a conhecimentos que sejam úteis à vida, e que, em lugar da filosofia especulativa que se ensina nas escolas, pode-se encontrar uma filosofia prática, ao qual, conhecendo a força e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos cercam, poderíamos empregá-los da mesma forma em todos os usos para os quais são adequados, e assim tornarmos como que senhores e possuidores da natureza.

Para tanto, o pensamento de Descartes está associado a um antropocentrismo extremista no seio do pensamento científico moderno, de forma que o desenvolvimento das ciências pós-cartesianas foi marcadamente determinado por essa mudança, e como proposto por Descartes, o método científico não permitia qualquer de intervenção ética nem política. Pois, seu uso em relação à natureza não podia ser mais do que puramente utilitário. De modo que, dentro dos parâmetros que foram propostos por tais métodos científicos, torna-se impossível qualquer distinção de lugar. Já que lugar, como já se observou, pode perder sua significação, uma vez que a própria noção de lugar pode se tornar uma abstração (REHMANN-SUTTER, 1998). Desse modo, tal passo consiste, no que se pretende identificar, como a mudança crucial se deu no sentido da “desvalorização do lugar” na ciência moderna.

Portanto, tendo em vista o pensamento de Descartes quanto a relação homem e natureza, é notório que ele enxerga a natureza como uma máquina produtiva, e que o homem pode ser senhor e possuidor da natureza, tanto que o seu pensamento se associa com a "não-localização" abordada diante os pensamentos de discursos ecológicos, ao qual como citado anteriormente, se o sujeito não consegue se identificar com determinado local, o mesmo não irá conseguir construir significados, e muito menos um senso de localização histórica.

A partir disso, podemos associar tais pensamento com a questão do lugar perder sua significação e valor, ou seja, se de acordo com os discursos ecológicos, o sujeito deve se identificar com um local e a partir disso construir significados e um senso de localização histórica, se este local tiver significado para ele, logicamente o mesmo não verá a natureza como uma máquina, e muito menos a modificará, já que se a determinada localização tem valor para ele, o mesmo não irá transformar a natureza em um mero espaço, já que este local tem tanto significado quanto valor para ele. Contudo, existe a não-localização, que se associa ao pensamento de Descartes, isto é, se não é necessário um lugar para se pertencer, e caso o sujeito não se identifique com um local e não construa significados e nem um senso de localização histórica, e ainda existe a partir do ponto de vista de Descartes que o homem pode ser senhor e possuidor, logicamente este sujeito tanto modificará quanto transformará a natureza em um mero espaço, pois para ele não tem significação e muito menos valor. No entanto, o que o sujeito não associa é que para sua existência é necessário que a natureza exista, então se caso ele apenas enxergar a natureza como uma máquina produtiva, e que pode ser tanto modificada quanto transformada para atender as suas vontades, futuramente essas suas ações terão consequências severas, uma vez que poderiam ser melhor planejadas para evitar consequências de um grau maior.

2.3 Objetividade e o silenciamento da natureza.

Para Descartes todo fenômeno da natureza pode ser questionado, com isso nada pode ser dito como inteiramente certo. Para tanto, Bordo (1987)

observou que para Descartes os resultados são como um novo modelo de conhecimento, fundamentado na objetividade, que é capaz de proporcionar uma nova cadeia epistemológica a substituir aquilo que foi pedido como a dissolução do mundo medieval.

Do século XVII, herdamos particularmente de Locke, a noção de uma ‘teoria do conhecimento’ baseada numa compreensão dos ‘processos mentais’. A herança continua no mesmo período com Descartes no que se refere a noção de ‘mente’ como uma entidade separada na qual ocorrem ‘processos’. (RORTY, 1995, p. 20).

Bordo também acentuou o fato da história da filosofia estar cheia de exemplos, de modo como a disciplina tem sido vista com o papel de “limpar” e organizar tudo que era sujo e desordenado. Para Bordo, Rorty e Bernstein “a busca pela objetividade” representa de fato uma matriz neutra.

Bordo acredita que a objetividade destina-se a transformar o universo moderno num objeto indico de análise, dissecação e controle. Além disso, vários críticos atacaram a obra de Descartes, principalmente os modelos cartesianos que deram origem ao campo de crítica cultural, Merchant, Berman e Bordo estão no centro, e foi Rorty quem ficou à frente dos críticos do legado cartesiano, pois a preocupação dos críticos são preciosamente como este torna a natureza invisível.

Leva uma situação em que se torna invisível nossa relação com a natureza, o próprio termo “relação” parecia estar totalmente errado nesse contexto, pois não há qualquer relação da natureza e os seres humanos. A tarefa de qualquer projeto de “ética ambiental” ou “educação ambiental” consiste por tanto, precisamente nessa relação.

Portanto, muitas vezes a relação do homem com a natureza passa despercebida para boa parte dos indivíduos e grupos sociais. É determinante no que refere à maneira como o homem percebe e apropria-se da natureza, dos bens e recursos do desordenado ambiente natural.

2.4 Críticas da filosofia contemporânea

Por outro lado, torna-se necessário ressaltar que ao produzir "A filosofia e o espelho da natureza", Richard Rorty (1995) faz uma crítica à teoria do conhecimento ao mostrar sua divergência com a tradição que foi fundada por Descartes e Kant (das quais a filosofia analítica é uma das derivações mais recentes) e a proposição de uma filosofia 'edificadora' de caráter hermenêutico, ao qual é inserido Nietzsche, Dewey, Wittgenstein, Heidegger e Gadamer. Assim, com esta proposta, ele rejeita que o conhecimento seja um mero resultado de representação mental ou até mesmo linguística da realidade (RORTY, 1995, p. 23).

Nessa obra, Rorty procurou deixar esclarecido o seu rompimento com esse pensamento filosófico tradicional, assim indicando o que considera um erro de percurso ao afirmar que alguns pensadores estão apenas preocupados com a diferença entre os seres humanos e outros seres e condensados em questões envolvendo a relação tanto a mente quanto o corpo. De acordo ele, outros se referem à legitimação de reivindicações a conhecer e estão cristalizados em questões que envolvem os "fundamentos" do conhecimento.

Dessa forma, a filosofia como disciplina vê a si mesma como uma tentativa de ratificar ou até mesmo desbancar asserções de conhecimento feitas pela ciência, moralidade, arte ou religião (RORTY, 1995, p. 19). Além disso, Rorty, ainda na ampliação de sua crítica em relação à tradição filosófica, deixa claro que "a filosofia pode ser fundamental com respeito ao resto da cultura, pois a cultura é a reunião das asserções de conhecimento e a filosofia adjudica tais asserções".

Além do mais, ela pode fazer isso porque compreende a fundamentação tanto do conhecimento quanto encontra esses fundamentos em um estudo do homem como conhecedor de "processos mentais" ou até mesmo da "atividade de representação", os quais tornam o conhecimento possível. Neste sentido, Richard Rorty insiste em que "conhecer é representar acuradamente o que está fora da mente; assim, compreender a possibilidade e natureza do conhecimento é compreender o modo pelo qual a mente é capaz de construir tais representações" (RORTY, 1995, p. 19). Para tanto, ao aprofundar ainda mais a sua crítica, Richard Rorty põe em destaque que "a

preocupação central da filosofia é ser uma teoria geral da representação, uma teoria que dividirá a cultura nas áreas que representem bem a realidade, aquelas que não a representem de modo algum (apesar da pretensão de fazê-lo)”.

Portanto, o filósofo Richard Rorty continua sua crítica ao afirmar que a epistemologia moderna é uma tentativa de legitimação das nossas pretensões ao conhecimento do que é real, assim como também uma tentativa para legitimar a própria reflexão filosófica - um persistente exercício, entre muitas razões, já que o início da nova ciência deu de forma gradual conteúdo à noção de conhecimento obtido por interrogação metodológica da natureza.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“ Cada dia a natureza produz o suficiente para nossa carência. Se cada um tomasse o que lhe fosse necessário, não haveria pobreza e ninguém morreria de fome” (Mahatma Gandhi).

Portanto, quando nos referimos aos pensadores do século XVI, é importante ser dito que foi quando se iniciou a praticar o conhecimento de forma autônoma, dispensando a interferência de forças transcendentais (mitos, religião, crenças) (SEVERINO, 2006). Neste sentido, é que se estuda o pensamento filosófico de Francis Bacon e René Descartes, com uma visão racionalista e mecânica do mundo e da compreensão da natureza. Para tanto, surge a ideia de ciência, sendo um novo sistema do saber, que foi tanto baseada quanto referenciada por Bacon, uma nova e revolucionária instância da cultura ocidental, que iria mudar completamente a visão da relação do ser humano com o mundo. Ao qual, um novo sistema de saber, distinto tanto do sistema teológico como do sistema metafísico, que se propôs como capaz de esclarecer a totalidade dos fenômenos do universo apenas com os recursos da razão natural (SEVERINO, 2006). Desse modo, Francis Bacon via a ciência como uma maneira de devolver ao ser humano o domínio sobre a criação e assim sobre a natureza (THOMAS, 1996).

Diante disso, vale destacar que essa ciência, surgida e baseada em Francis Bacon e René Descartes passou a vê a natureza como um mecanismo que poderia ser controlado, mas também como uma máquina a ser investigada, dominada e utilizada. Assim, houve então a separação da cultura humana com a natureza (HERCULANO, 1992). E, devido a esta visão mecanicista, a natureza perdeu a finalidade que os antigos filósofos julgavam encontrar nela, tornando-se simplesmente uma máquina (LENOBLE, 2002).

Nesse sentido, reflete-se então a relação do ser humano com a natureza, ao qual converteram em uma relação de domínio e de proveito para a vida humana. De acordo com Acosta (2016, p. 55), a dominação apenas foi possível quando esses pensadores passaram a não considerar os seres humanos como parte da natureza, desconhecendo que os seres humanos também são Natureza. Dessa forma, pode-se considerar Bacon como um precursor do desencantamento do mundo, surgindo uma visão racionalista e de apropriação sobre a natureza.

Além disso, essa concepção pode ter ajudado no desencadeamento de um longo processo histórico de domínio e manejo do mundo, alterando as próprias condições de convivência do ser humano com a natureza e com a sobrevivência do planeta (SEVERINO, 2006).

Além do mais, reforçando e intensificando essas concepções, René Descartes, que foi um filósofo francês do século XVII, é considerado a base de todo o pensamento moderno. Para tanto, Soffiati (2000) busca destacar que René Descartes foi considerado como o maior expoente da separação entre ser humano e o mundo, porque depositou na razão humana a possibilidade de dar significado e interpretação ao mundo, sendo que a compreensão do mundo seria baseada no pensar e questionar humano, desprovido dos mitos e de significações pré-concebidas. Ademais, as suas ideias influenciaram muito na atual relação com a natureza, de modo que a objetividade cartesiana fez com que “perdêssemos” a possibilidade de pensar historicamente e colocou o ser humano na posição de dono e senhor da natureza (GRÜN, 2006).

Desse modo, levando-se em consideração o pensamento de Descartes quanto a relação homem e natureza, é perceptível que ele enxerga a natureza como uma máquina produtiva, e que o homem pode ser tanto senhor quanto possuidor da natureza, tanto que o seu pensamento se associa com a "não-localização" abordada diante os pensamentos de discursos ecológicos, ao qual como citado anteriormente, se o sujeito não consegue se identificar com determinado local, o mesmo não irá conseguir construir significados, e nem um senso de localização histórica. A partir disso, podemos associar tais pensamento com a questão do lugar perder sua significação e valor, ou seja, se de acordo com os discursos ecológicos, o sujeito deve se identificar com um local e a partir disso construir significados e um senso de localização histórica, se este local tiver significado para ele, logicamente o mesmo não verá a natureza como uma máquina, e muito menos a modificará, já que se a determinada localização tem valor para ele, o mesmo não irá transformar a natureza em um mero espaço, já que este local tem tanto significado quanto valor para ele.

Contudo, existe a não-localização, que se associa ao pensamento de Descartes, isto é, se não é necessário um lugar para se pertencer, e caso o sujeito não se identifique com um local e não construa significados e muito menos um senso de localização histórica, e ainda existe a partir do ponto de vista de Descartes que o homem pode ser senhor e possuidor, logicamente este sujeito tanto modificará quanto transformará a natureza em um mero espaço, pois para ele não tem significação e muito menos valor. No entanto, o que o sujeito não associa é que para sua existência é necessário que a natureza exista, então se caso ele apenas enxergar a natureza como uma máquina produtiva, e que pode ser tanto modificada quanto transformada para atender as suas vontades, futuramente essas suas ações terão consequências severas, uma vez que poderiam serem melhor planejadas para evitar consequências de um grau maior. Portanto, a educação ambiental está diretamente relacionada à agronomia, pois garantir o equilíbrio do meio ambiente é de muita responsabilidade do agrônomo, uma vez que o mesmo contribui com a ajuda na conservação de recursos naturais que são utilizados nas atividades agrícolas.

Para tanto, o pensamento de Descartes reflete muito essa importância, uma vez que levando-se em consideração que este filósofo diz que o ser humano

pode ser senhor e possuidor da natureza, esta é uma concepção antropocentrista extremista, já que não tem como o homem controlar algo que não se controla e nem possuir algo que não se possui, tanto que este pensamento está diretamente relacionado ao mundo agrônomo, ou seja, o engenheiro agrônomo é o profissional que trabalha a partir do meio natural, isto é, precisa modificar ou transformar parte da natureza para suprir uma necessidade, no entanto este pensamento que se pode modificar e transformar a natureza da forma que quiser, é um pensamento incorreto, já que se tanto modificada e transformar essas ações terão consequências severas, pois como citado anteriormente, para que o ser humano exista é necessário que a natureza também exista.

Enfim, tendo em vista esse pensamento, dá-se a importância do mundo agrônomo, ou seja, o engenheiro agrônomo tem como responsabilidade mostrar aos homens que eles podem transformar parte da natureza para suprir suas vontades, contudo querer ser senhor e possuidor da natureza é algo impossível, pois para existirmos é necessário tenhamos um equilíbrio entre a natureza e o homem, por isso o agrônomo possui papel fundamental na implantação de técnicas que possam permitir o desenvolvimento sustentável e que tragam aumentos de produtividade e lucro para o produtor, no entanto para garantir que ocorra o equilíbrio entre o meio ambiente e o agronegócio, uma das obrigações principais do agrônomo é ajudar a conservar todos os recursos naturais que são usados na atividade agrícola, já que a preservação do meio ambiente é de suma importância para o agronegócio, porque a produtividade deste setor está ligada às boas condições do clima e do solo, e dentre outros fatores, isto é, a saúde do meio ambiente como um todo. Dessa forma, podemos refletir que se práticas feitas no passado no mundo agrícola se tivessem sido melhores planejadas, atualmente, não estaríamos vivenciando consequências tão severas dessas práticas, tais quais como o desmatamento para implantação de atividades agrícolas, por isso dá-se a importância justamente do engenheiro agrônomo, pois estas modificações realizadas no passado estão associadas ao pensamento de Descartes, de quererem ser senhores e possuidores da natureza, e controlá-la para suprir suas necessidades, mas o engenheiro agrônomo tem como responsabilidade conscientizar que se

práticas feitas atualmente forem melhor planejadas e repensadas, futuramente poderemos ter consequências em um grau menor, pois não é apenas modificar a natureza para suprir as nossas necessidades, mas nos atentarmos que devemos atender às nossas necessidades, porém produzir de forma que também garanta para as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, I. C. M. GRÜN, Mauro. TRAJBER, Rachel. **Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao4.pdf>>. Acesso em: 21 de abr de 2023.

DICTORO, V. P. **A relação ser humano e natureza a partir da visão de alguns pensadores históricos**. Revista Brasileira De Educação Ambiental (RevBEA), São Paulo, v. 14, n. 4, p. 159-169, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/2732>>. Acesso em: 21 de abril de 2023.

GRUN, Mauro. **Descartes, Historicidade e Educação Ambiental**. In: CARVALHO, I. C. M. de; GRUN, M.; TRAJBER, R. (Orgs.), **Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

NETO, I. R. G. C. RODRIGUES, G. G. **RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA E OS LIMITES PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**. REVISTA MOVIMENTOS SOCIAIS E DINÂMICAS ESPACIAIS (ISSN:223-8052), Recife, v. 6, n. 2, p. 01-15, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistamseu/article/view/231287/25644>>. Acesso em: 21 de abril de 2023.

ROCHA, M. J. P. **A CRÍTICA DE RICHARD RORTY À TEORIA DO CONHECIMENTO E UMA POSSIBILIDADE DE REDESCRIÇÃO**. Revista Redescrições - Revista on line do GT de Pragmatismo Ano 3, Número 3, 2012. Disponível: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Redescricoes/article/view/35/34>>. Acesso em: 08 de maio de 2023.

RORTY, Richard. **A filosofia e o espelho da natureza**. Trad. Antonio Trânsito; revisão César Ribeiro de Almeida. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/vvcnv8s>>. Acesso em: 21 de abril de 2023.

SERRES, Michel. **Hermes I - Communication**. Trad. Louise Burchill. University of Minnesota Press. 2023.

SOFFIATI, A. **A natureza no pensamento liberal clássico**. Revista de Direito Ambiental, São Paulo, v. 5, n. 20, p. 159 - 176, 2000.

SEVERINO, A. J. **Bacon: a ciência como conhecimento e domínio da natureza**. In: CARVALHO, I.C. M.; GRÜN, M.; TRAJBER, R. (Orgs). **Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental**. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, p. 51 - 62, 2006.